

Entre Hollywood e Bollywood

Maria Tasheva

(de “Caixa de Correio para Contos”, de Geri Turiyska, parte 2)

Desde criança imagino que vou casar, vou ter filhos, um cão, uma casa arrumada, muitas flores, dias de sol, jogos familiares – como nos filmes. Mas na realidade – uma criança a chorar, mucos, noites sem sono, caos, nem um par de meias, falta de pelo menos cinco minutos de tempo pessoal, preocupações domésticas, totalmente uma vida medíocre. Não me queixo mas alguém tinha de contar o que se passou com a Cinderela depois de três dias de celebração.

A minha avó sempre dizia: “Minha menina, sabe que há um destino que te guia e tu não podes fugir dele, fazas o que fizeres.” Ela tinha 18 anos quando conheceu o meu avô. Moravam em duas aldeias vizinhas. Ela - a única filha do homem mais rico do distrito, e ele - um estudante pobre de medicina em Sófia. Que grande amor! Mas cometeram um erro e a minha avó engravidou antes do casamento. Ela disse ao meu avô que estava grávida e depois nem o viu, nem o ouviu por duas semanas. Era inverno e a avó tomou a decisão séria de ir a Sófia para fazer o que a gente faz para esconder a vergonha. Levantou-se cedo de manhã e foi à estação ferroviária, mas por causa da queda intensa de neve, uma rocha tinha caído nos trilhos e os comboios não passavam por ali. Regressou a casa e à noite o meu avô chegou com toda a família para fazer uma festa de noivado com a minha avó. Se não fosse a má sorte da minha avó, nem a minha mãe nem eu existíamos. Como num filme. E assim, 55 anos de casamento. Destino! Que destino maravilhoso!

Quando era pequena eu gostava de ouvir a minha avó a contar essa história e sonhava com um cavaleiro, queria ser princesa, queria que se duelassem por mim, por um vestido de crinolina e uma coroa de ouro. Mas cresci e esqueci o destino. E quando conheci o meu marido eu orava e dizia-me a mim mesma: “Coitada será aquela mulher que se vai casar com ele.” Por anos eu via-o como frequentava os clubes noturnos e ele repugnava-me. Dez anos mais tarde já somos casados!? Ó, destino, o que fizeste, brincaste comigo?! Uma vez fizemos uma aposta e o amor pegou-nos. Como num filme... Desses bons filmes americanos como “As Pontes de Madison County”. Destino! Ó, vovó, vovó, tiveste razão – não posso fugir do meu destino.

Tenho de mencionar que antes de conhecer o meu marido, as minhas amigas previram o meu futuro na borra de café, assim de brincadeira, e disseram-me que a minha felicidade estava relacionada com um lugar de flores. Agora moramos numa rua na capital chamada “Violeta”. E começo a perguntar-me se isto é por acaso ou é esse destino do qual não se pode fugir. Começo a pensar em coisas absurdas. Existe uma conspiração mundial? Existem extraterrestres ou força cósmica? Espalham-nos

alguma coisa de cima para que fiquemos doentes? Comemos OGM ou nós próprios somos OGM? Coisas absurdas como num filme.

O meu filme não é mau, parece uma tragicomédia. Todas as semanas compro um bilhete da lotaria e não ganho nada. As pessoas ganharam quaisquer prémios nos jogos de azar ou encontraram alguma coisa na rua e eu no melhor caso encontraria uma merda de cão. Um dia o destino sorriu para mim – ganhei 2 levas na lotaria. Que alegria! Que esplendor! Maldisse o destino e pus o bilhete no porta-luvas do carro. E esqueci-me dele. Até ao momento quando estava no parque de estacionamento de Iliyantsi e já tinha gasto todo o meu dinheiro. Mas o estacionamento custa 2 levas e paga-se à saída. E agora? Eu não tenho 2 levas. E lembro-me deste bilhete maldito com o qual eu pensava que o destino tinha feito zombaria de mim. Mas não, ele tinha um outro plano. Levantei o bilhete no próximo posto de gasolina e tornei-me a dona orgulhosa de 2 levas. Senti-me como o protagonista do filme “Quem Quer Ser Bilionário?”. Os filmes são feitos assim. Não é verdade que 2 levas não possam melhorar a nossa vida.

Com o estacionamento já pago e a consciência pura regresssei a casa. Em casa eu sou a protagonista. Todos com os seus papéis – para o nosso filho eu tenho o papel do polícia mau e o pai dele é o polícia bom. Claramente isso não acontece todos os dias. Há dias em que eu sou a Cinderela, noutros sou a Doutora Quinn ou a princesa da “A Princesa e a Ervilha”. Mas eu gostaria muito de ser o Peter Pan.

E agora não consigo perceber – tudo depende de mim ou do destino? A nossa vida é curta e no último momento da nossa vida vemo-la como na tira de um filme. Isso significa que o destino é um diretor. Portanto, não há nada que possamos fazer, senão estarmos atentos na audição de elenco, lermos cuidadosamente o cenário, não falharmos muito, porque é possível que não tenhamos segunda oportunidade e que rezemos para que o diretor não nos mate antes da segunda ação do filme.

Happy end a todos.

Traduzido por Kiril Terzijski, 1º ano, Filologia Portuguesa